MARCIO DE MENEZES
DO INSTITUTO GEOGRAFICO E HISTORICO

HISTORIA
DA
INDEPENDENCIA

Para os escolares de nossa Patria

MANAUS — AMAZONAS





7276-51, Papelaria VELHO LINO
de Papelaria Velho Lino, Ltda.
Av. 7 de Setembro, 895-R. Barroso, 16
Manaus ◊ Amazonas ◊ Brasil

HISTORIA DA INDEPENDENCIA

Para os escolares de nossa terra

MARCIO DE MENEZES

Era uma vez...

Fazia um dia lindo, o sol já há muito, aparecera por detrás dos morros da mais bonita cidade do mundo, o Rio de Janeiro.

Estavamos em março de 1808.

Uma esquadra toda de navios a vela, como eram as esquadras daqueles tempos, entrava na magestosa baía de Guanabara, inigualável e linda.

Era magnifico, de vêr as velas cheias, e os navios qual gaivótas, darem a impressão que voavam, rente ao mar.

Aos poucos, foi se aproximando, cada vez mais lentamente e por fim, toda a esquadra parou, a pequena distância de terra.

De bordo, podia-se avistar a cidade, toda enfeitada. Bandeiras, folhagens, povo em quantidade.

Das fortalezas, que contornavam a baía, jatos de fumaça, saíam das bôcas dos canhões e lógo, após o ribombo das salvas, rolava nos vales, multiplicando o estrondo.

De um dos navios, o maior de todos, que tinha na prôa desenhado o nome "PRINCIPE REAL", aproximou-se do cais, um barco impulsionado por 20 remos.

Rojões estouravam no ar. As bandas de musica, lançavam no espaço marchas militares.

E a multidão, em delírio gritava.

Viva D. João VI! Viva o principe Regente!

E foi assim, num dia cheio de alegria, cheio de

festas, que chegou á capital de nosso querido Brasil, o principe português que o governava; pois naquele tempo nossa Pátria, que fôra descoberta por Portugal era uma colônia portuguesa.

Êle viera para a Terra de Santa Cruz evitando os franceses, que invadiram sua Pátria.

Meus meninos.

Chegar ao Brasil e amá-lo, foi um instante para o principe. Diante a nossa natureza, bela e grandiosa, que com o seu verde, era um canto de esperança, de nossa riqueza que tudo prometia, de nosso povo ordeiro quando o respeitam mas bravo jaguar, quando atacado, por tudo, D. João VI ficára cativo do Brasil.

Mais de dôze anos, passou o principe em nossa terra.

Portugal, lá na Europa, conseguiu expulsar os franceses do seu sólo.

D. João VI, contemplava o panorama, descortinado da janela do palácio da Quinta da Bôa Vista. Em volta, lá em baixo, as arvores de folhagem verde, com suas cópas juntas, eram como que, tapete aos seus pés.

Para todos os lados que se voltasse, a paisagem encantava ao principe, cujos olhos estavam cheios de lágrimas.

Sua fisionomía, mostrava a tristeza, que enchia seu coração.

Nisto, a passos rápidos, aproximou-se a figura esbélta de um jovem, cheio de estouvamento, de vivacidade invulgar, cujo conjunto dava fôrça àquela fisionomia, alargada por lábios carnudos, que ligeiro bigode sombreava.

—Meu Augusto pai, disse o jovem, o que te entristece? Era D. Pedro o filho querido do principe que o interpelava.

—Filho, nesta terrá, passei os dias mais felizes de minha vida; Portugal exige de mim, que torne êste país novamente colônia, tudo o que dei, liberdade, felicidade, progresso, querem tomar, tornando

novamente os brasileiros escravos sem direitos. Que hei de fazer?

A atitude do jovem acusava profunda atenção às palavras do pai.

—Porém filho, nota bem, continuou D. João, este povo, jamais nasceu para escravo, esta terra jamais tornará à colônia submissa, pois a nobreza desta gente não o permitirá.

"E cuida Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal, se assim fôr, põe a corôa sôbre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão dela..."

Ia embarcar a família real, ía deixar o Brasil D. João VI. Caía a noite de 24 de abril, sôbre a baía, onde 13 anos antes D. João chegára. Grossas nuvens rolavam no céu, prometendo borrasca. Ventos frios arrepiavam o dorso das ondas. Um barco se afastava, aos poucos do cáis, e a noite foi velando sua forma, até desaparecer de todo.

Lá fora, via-se a silhueta escura da náu, balouçando nas ondas.

Varias pessôas assistiram êsse embarque, sem pompa e sem ruídos. Destacado do grupo, estava D. Pedro, o Principe, que ficára como regênte. O filho predileto de D. João.

Meus meninos:

Depois da partida, vários fatos entristeceram a todos os brasileiros.

Conforme dissera D. João, os portugueses, resolveram fazer do Brasil novamente colônia. Não lhe perdoavam, que durante anos, tivessem em seu seio o soberano e que do Brasil, fôssem as órdens para Portugal.

Tudo fizeram, para irritar os da terra.

Porém a fibra dessa brava gente, já tinha conquistado pelo valôr, pela sua riqueza, pelo talento de seus filhos, o direito de se governar.

Alguns portugueses, fizeram desta Pátria a sua, outros, tinham prazer em espesinhar os brasileiros,

porém êstes, reagiam cientes de que o dia da sua independência estava perto.

D. Pedro, apesar de português, já quería o Brasil com profundo amôr. E quem resiste a esta terra? Sòmente desnaturados ou fanáticos, podem proceder de outra forma.

Possuía êle inteligência pronta, apesar de pouca cultura, mas fazia-se querido, frequentando e vivendo com o povo, gozando de suas alegrias e presente ás suas tristezas.

Louco por cavalos, galopava pelas estradas, dando expansão a sua mocidade. Chegando de uma dessas correrias, encontrou em palácio, lógo na porta de entrada, as figuras gordas de dois de seus Ministros. De um lado, o Conde dos Arcos, que achava ser o Brasil, dêle e de D. Pedro. De outro, o Conde de Louzan, que queria o Brasil português.

Todo afogueado, ainda da corrida, compreendeu pela fisionomía de seus Ministros, que algo se passava de importante.

—Excelência — disse-lhe o conde de Louzan — não é possível mais permitir que brasileiros exerçam cargos públicos pois que êsses devem ser ocupados, por portugueses.

—Excelência, — retrucou o Conde dos Arcos — será o fim da amizade que os brasileiros depositam em V. Alteza.

O principe entra estabanado, dizendo:

—Que quereis que eu faça?

—Apoiar os brasileiros, disse o Conde dos Arcos.

—Mandai açoitá-los pela "Divisão Auxiliadora", falou o Conde de Louzan. A Divisão Auxiliadora, éra a tropa portugueza, que se encontrava no Brasil.

No outro dia, D. Pedro demitiu o conde dos Arcos.

Estava o principe com os portugueses? não, tudo êle fazia em ligação com os brasileiros. Em seguida veio uma ordem da Europa para que o principe voltasse para Portugal.

Era o cumulo da audácia, dos da metrópole.

Nessa ocasião, aparece a figura que nunca morrerá no coração dos brasileiros, José Bonifacio de Andrada e Silva, que com inteligencia privilegiada, pôude tornar sem efeito a ordem do Govêrno português. Foi uma das mais notaveis cenas, da nossa história, o que se seguio então.

Reuniu-se enorme cortejo, grande massa de povo, composta de pessôas importantes, operários, enfim todas as classes sociais, com os seus estandartes e bandeiras. Tomou por várias ruas em direção ao trono, onde se encontrava o principe.

Por onde passava, a multidão ía aumentando e assim foi que num ardor cívico, cheio de entusiasmo patriótico, chegou ao palácio.

Em frente do principe, após os gritos de viva D. Pedro, viva o Brasil, tomou a palvra o tribuno José Clemente Pereira, português de nascimento e brasileiro de coração, que em discurso formidavel assim, terminou...

"D. Pedro, permití que o povo brasileiro tenha o seu govêrno e este governo, V. Alteza como chefe. Não abandonai a nossa gente. Continuai no Brasil".

Após a oração, profundo silencio tomou todo o recinto, onde se encontrava a comissão, que fôra falar ao principe.

Lá fóra, a multidão fez silencio também. Com voz pausada ao mesmo tempo que vibrante, disse D. Pedro, respondendo ao pedido:

—"Como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto, diga ao povo que fico".

Dizer do delírio que foi tomada a multidão, seria impossivel.

A tropa portugueza, não se conformou com a decisão do principe, e determina que êle atenda as ordens de Portugal. D. Pedro recusou.

Por êsse motivo, no dia 12 de Janeiro de 1822, a Divisão Auxiliadora (os portugueses) estava em pé de guerra para impor sua vontade.

Quando os patriotas souberam do que se passava, como formigueiro humano, de todos os bairros de

todas as ruas, de todas as casas, saíram decididos a tudo e como se tivessem combinado reunião, se encontraram na praça de São Cristovão, pérto do palacio de D. Pedro.

Já aí, estava a tropa brasileira, pronta para agir.

Ante tanta força, ante tanto patriotismo, a Divisão Auxiliadora, sentiu-se incapaz de, ela só conseguir dobrar tal povo. E se viu obrigada a embarcar para Portugal, por imposição nossa.

Não parou nessa emergência a José Bonifacio, a confiança e fé, nos destinos do Brasil, nele, que depois foi chamado, "O Patriarca da Independência", que quer dizer, o homem que orientou e dirigiu a independência da nossa terra.

Foi José Bonifácio, que trabalhou para que a independência se fizesse, levado pela certeza de que o Brasil, já tinha força suficiente para se governar, sem auxílio de outra nação.

Os paulistas, pediram que o principe visitasse seu Estado, para que pudessem agradecer o que fizera pela nossa terra.

E assim, a 14 de agosto, êle partiu para São Paulo.

Contar as festividades e o delírio pela sua chegada, não é possível, de tão grandiosa que foi.

A 5 de setembro D. Pedro, com toda a sua luzida comitiva, partia para Santos.

Novas festas, novas demonstrações de amizade ao principe.

A 7 pela manhã deixou Santos e partiu de volta.

Na frente, seguia a guarda de honra e a comitiva, a quem o principe determinára que o esperassem nas proximidades da cidade, deixando-se ficar para traz. Perto do riacho Ipiranga parou a tropa.

A guarda de honra, apeou-se para descançar. Nisto dois cavaleiros chegaram a galope, onde se

encontravam os soldados. Os cavalos alagados de suor, mostravam o longo caminho percorrido.

Mal se apearam, ei-los anciosos pelo principe.

—Deve estar perto, foi a resposta.

Eram quatro e meia da tarde de um sábado, quando se deu o encontro entre os emissários e o principe.

D. Pedro que era um amante da natureza brasileira, estava a admirá-la extasiado.

Com o barulho que fizeram os emissários, o principe voltou a sí, da contemplação.

—Mensagem urgente da capital para V. Alteza.

Tomou a missiva, e começou a lêr.

A' proporção que o fazia, seu rosto foi se vincando, e as faces ficaram vermelhas, possuído de colera.

Em seguida, a serenidade retornou aos seus traços, essa serenidade aparente, que antecede as grandes decisões.

Levantou a vista do despacho, e disse como num desabafo.

—É preciso acabar com isto. E a galope se dirigiu para onde estava a tropa.

A mensagem, trazia as últimas humilhações que Portugal queria fazer ao Brasil, e aos brasileiros. O govêrno com José Bonifácio, pedia a D. Pedro que tomasse uma resolução, que satisfizesse a vontade do povo.

A' aproximação do principe, todos sentiram, que grave acontecimento ía se dar. A guarda formada em linha, prestou continência. Os demais vão ao seu encontro. E logo gritou D. Pedro, com voz estrepitosa:

—Camaradas. As Côrtes de Lisbôa, querem mesmo escravisar o Brasil. Se assim ousam, que se faça a independência, estamos separados de Portugal.

Por toda a tropa e demais presentes, passou um arrepio de entusiasmo. Os corações, daqueles brasi-

leiros, que primeiro sabiam-se independentes, pareciam querer saltar.

O principe fez com o cavalo pequeno rodeio, enquanto desembainhava a espada e com ela no alto, gritou a plenos pulmões, num entusiasmo louco:

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

Meus meninos:

Contei-vos como fizemos a nossa independência.

Exaltei a figura dos que predominaram nesse feito, prestando homenagem ao passado.

Porém é preciso que todos vós, me acompanheis nesse preito de consagração. Estudai; procurando contacto com as bôas ações. Sêde obedientes, a Deus, aos vossos pais e professores. Evitai os vícios, que deformam o espírito, e, assim, tereis prestado ao passado, oferenda maravilhosa, fazendo-vos elemento útil ao futuro.



